

ASSIS, Renan Lubanco. “Morador de Guarus”: categorias morais mobilizadas em situações de copresença na cidade de Campos dos Goytacazes. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.15, n. 45, p. 28-38, dezembro de 2016 ISSN 1676-8965

**DOSSIÊ**

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

## “Morador de Guarus” Categorias morais mobilizadas em situações de copresença na cidade de Campos dos Goytacazes

“A resident of Guarus”: Moral categories mobilized in situations of co-presence in the city of Campos dos Goytacazes

*Renan Lubanco Assis*

**Resumo:** Este artigo tem como proposta fazer uma análise do processo de urbanização da cidade de Campos dos Goytacazes, e relacioná-lo aos processos de segregação moral das novas áreas ocupadas, sobretudo, as situadas no 3º Subdistrito de Guarus. Iniciarei com duas reflexões baseadas em documentos históricos que trazem à tona situações envolvendo povos indígenas e quilombolas. Estes eram categorizados como perigosos, tanto para a Vila de São Salvador (Campos dos Goytacazes), quanto para a circulação pelas estradas da então Guarulhos (Guarus). Estas situações de conflitos delineiam moralmente a região em relação à sede do município, bem como, as demais localidades situadas na margem direita do Rio Paraíba do Sul, o que implicou na elaboração de duas regiões morais que afetam os atuais moradores que são desqualificados em situações de copresença por habitarem na região. **Palavras-chaves:** morador de Guarus, bairro, delineamento moral, categorias morais, copresença.

**Abstract:** This article aims to analyze the process of urbanization of the city of Campos dos Goytacazes, and relate it to the moral segregation processes of new occupied areas, especially those located on the 3rd Sub-district Guarus. I shall begin with two observations based on historical documents bring to light situations involving indigenous peoples and Maroons. These were categorized as dangerous for both the Vila de São Salvador (Campos dos Goytacazes), and for circulation by then roads of Guarulhos (Guarus). These conflict situations morally delineate the region in relation to the county seat, as well as other localities situated on the right bank of the Paraíba do Sul River, which resulted in the development of two moral regions that affect current residents who are disqualified in situations copresence by living there. **Keywords:** resident Guarus, neighborhood, moral design, moral categories, Co-Presence.

### **Apresentação**

A categorização é um recurso que pode ser mobilizado de modo lógico na ciência, inerente ao trabalho de formulação de conceitos e categorias de análise; como uma mera catalogação de objetos, ou ainda, como um recurso moral nas situações de “copresença”, nas quais os atores, mediante o encontro *face a face*, categorizam uns aos outros standardizando suas avaliações sobre determinadas práticas e objetos. No caso deste trabalho, uma região específica da cidade de Campos dos Goytacazes - RJ: Guarus.

A pesquisa que possibilitou a elaboração deste artigo conta com um trabalho etnográfico iniciado no mês de maio do ano de 2013, e findado no mês de junho de 2015. O trabalho de campo contou com visitas semanais ao bairro, observando e participando de eventos realizados no mesmo. Foram realizadas ainda 22 entrevistas com 19 moradores do bairro de Custodópolis e bairros contíguos. A pesquisa de campo me possibilitou apreender “categorias nativas” utilizadas por diferentes faixas etárias, o que me ajudou a sistematizar processos de categorizações oriundos dos encontros com “o outro lado”, no caso, da margem direita do rio Paraíba do Sul, do município de Campos dos Goytacazes.

### **Notícias de Guarulhos: situação histórica de uma região.**

Os capuchos haviam perdido uma demanda que tiveram com os jesuítas, sobre terras que ambas as comunidades disputavam a posse. Não querendo os capuchos se sujeitar ao que decidira a Relação do Estado, que lhes fora desfavorável, incitaram os índios

contra os moradores contra os que moravam nestas terras, onde as casas eram cobertas de palhas e os índios lançaram fogo, servindo-se para isso de flechas que levavam algodão inflamado. Os moradores que não fugiam para não morrerem queimados, não escapavam das flechas certa dos índios!

[...]

O povo da Vila de São Salvador [Campos dos Goytacazes], aterrando-se com as notícias que recebia de Guarulhos, achando-se rodeado por aldeia de índios, pensou que podia acontecer a mesma coisa, e pediu aos oficiais da câmara providências. Os vereadores escreveram ao rei D. João V, pedindo pólvora e artilharia para defender a Vila, em caso de ataque. (FEYDIT, 1979 [1900], p. 132)

Esta seção se inicia apresentando um trecho que descreve uma situação na qual os capuchinos mobilizaram os “índios” de Guarulhos [Guarus] para recuperar terras perdidas para os jesuítas. Na ocasião, Guarulhos era apenas uma faixa que ficava situada na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Fora concedida uma légua (4.000 metros) de terras aos Capuchinos para que estes construíssem um aldeamento para “índios” Guarulhos<sup>1</sup>, grupo, inclusive, que deu origem ao nome da localidade, denominada em um primeiro momento, Aldeia de Santo Antônio dos Guarulhos (FEYDIT, 1979, p. 74).

Ao fazer uma abordagem sócio-histórica visou levantar uma reflexão sobre os relatos das “situações” experimentadas entre Guarulhos e a Vila de São Salvador, para demonstrar como essas contribuíram para constituição de uma qualificação do que viria a ser o morador em Guarus. No caso destacado acima, a localidade era, sobretudo, habitada por povos indígenas e, muitos deles, caracterizados como sendo *gentios* (MALHEIROS, 2008, p. 67). Esta categoria é importante para iniciarmos uma reflexão do modo como os moradores daquela localidade eram representados. Como o Português colonizador é cristão, este não deixa de recorrer a categorias construídas desta moralidade para qualificar o mundo. O que seria um gentio? Um não cristão. Seria simples se a religião não estivesse inserida em um projeto político colonizador. Ser gentio é ser de *fora* e não compartilhar da mesma visão de mundo dos *internos*, no caso, cristãos portugueses.

Se retomarmos uma discussão judaico-cristã acerca da existência do gentio, podemos perceber ainda uma distinção produzida por consanguinidade: ser gentio era não ser descendente das doze tribos dos filhos de Israel. Neste caso, há uma demarcação, a princípio, por laços de consanguinidade. O apóstolo Pedro, inclusive, ao visitar Cornélio, um gentio, *escandalizou* a comunidade cristã e judaica (Atos, 10: 1-8). Com o advento do cristianismo o gentio passa a assumir tal status por não professar a fé cristã, logo, à consanguinidade integra a tradição judaica, não cristã.

A questão que é cara nesta discussão é a noção de povo ou nação. O gentio não é incorporado ao povo cristão, logo, é posto de fora dos limites da moralidade cristã. Não cabe aqui remontar toda a discussão, pois ela é demasiada longa e fugirá do propósito deste texto. A categorização dos povos indígenas como gentios teve como propósito clarificar os limites entre os diferentes grupos sociais presentes no território.

Gentio é aquele que chegou antes dos cristãos, portanto, não é a ordem de chegada ao território que garante o status de “estabelecido” (ELIAS e SCOTSON, 2000). Esta questão não vem ao caso, e sim, compreender o modo como a localidade de Guarus, hoje, 3ª Subdistrito da cidade de Campos dos Goytacazes, assumiu o status moral desqualificado em relação aos demais distritos.

Partindo do princípio de que os “Guarulhenses” eram gentios, pode-se inferir que esta forma de categorização incide, inclusive, sobre o território. Esta discussão não está distante do que os gregos consideravam *βαρβαρο* (bárbaro). Não ser reconhecido como “outro generalizado” (MEAD, 1934) é não pertencer à mesma comunidade. No caso deste artigo, da mesma cidade. O modo como o território fora categorizado moralmente o segregou fisicamente.

Uma colocação importante destacada na citação que dá início a esta seção, é a forma como o povo da Vila de São Salvador reagiu às *notícias* que recebia de Guarulhos. Em uma profícua análise

<sup>1</sup>Com relação a esta nomeação, Couto Reys (2011 [1785], p. 148) destaca que trata-se de um termo genérico para denominar todas as nações indígenas da região. Segundo a sua análise, as características físicas e a forma de “tosquiar” o cabelo à maneira dos frades, seja característica dos “índios” coroados. Por fim, ele considerou mais adequado chamá-los de “Coroados Guarulhos”.

acerca da notícia, Park (1972, p. 176) faz a seguinte colocação: *A notícia suscita no público, o que a percepção suscita no indivíduo*. A notícia, neste caso, produz conhecimento acerca de algo. Não me refiro aqui a uma notícia veiculada a um periódico específico, mas a notícia veiculada, inclusive, por meio de *rumores e fofocas*,<sup>2</sup> dentre outras possibilidades de produzir um conhecimento sobre pessoas ou lugares.

A partir do momento em que o povo da Vila de São Salvador soube das “notícias” de Guarulhos, criou-se instaurou-se situação de crise<sup>3</sup>. Como destacada pelo próprio William Thomas (1905), *roubo, assalto [...] e toda e qualquer invasão dos direitos dos outros são a ocasião da formulação da prática jurídica e moral, e do surgimento de uma classe de pessoas especialmente especializados em administrar a prática*. A situação de “crise” é refletida no aterramento (medo) dos moradores da “Vila”. Não estou a afirmar que esta crise não existia, mas esta situação contemplada é uma prova concreta de um momento específico em que ela tornou-se evidente, ou, ao menos, pública para alguns moradores da Vila.

As notícias sobre Guarulhos passaram a ser motivo de temor para moradores da margem direita do Rio Paraíba do Sul e a solução sinalizada pelos vereadores da Vila seria o envio de “pólvora” e uma “artilharia” para defender de um possível ataque. Eis a situação em que uma localidade é categorizada como perigosa, quando as disputas territoriais ainda envolviam colonizadores e populações autóctones. Neste primeiro momento, o morador de Guarulhos é o indígena que fora colocado em redução católica. Tendo como base a abordagem destacada até aqui, infiro que a construção dos “lugares perigosos” ocorre situacionalmente e esta redefine o modo como às pessoas passarão a agir, neste caso, a partir de um quadro de referência elaborado por aqueles que qualificaram o lugar. O “índio” nesse contexto é o “estrangeiro”<sup>4</sup>. Ele está perto, mas distante. E em uma situação de “crise”, ele poderá ser categorizado como “inimigo interno”.

Após o período destacado até aqui, já ao final do século XIX e início do XX, quando há uma expansão do município em direção ao norte, no caso, em direção à Guarulhos, Alberto Lamego (1945, p. 176) faz a seguinte afirmação: *Para o norte o colono primitivo encontra um matagal fechado e intransponível, infestado de Purís e de Aimorés [...]*. Os Purís e Aimorés são categorizados não como moradores, mas como uma *infestação* no lugar.

As reflexões tecidas nesta seção são fundamentais para que possamos situar a compreensão de Guarulhos (Guarus) como um lugar perigoso e de gentios do ponto de vista daqueles que estavam situados na margem direita do Rio Paraíba do Sul. No momento em que há um conflito, este é relacionado ao lugar e a sua população, logo, uma separação entre o “povo da Vila” e “Guarulhos”. A separação não é meramente administrativa, e, em situação de “crise”, há afirmação do delineamento moral entre moradores da Vila de São Salvador e moradores de Guarulhos. O lugar é qualificado como perigoso.

Uma determinada área da cidade é categorizada moralmente na medida em que é ocupada por diferentes grupos que não possuem familiaridade com os membros da primeira área da ocupação. As regiões são valorizadas e desvalorizadas a partir de categorizações morais que as mesmas recebem, e estas serão elaboradas a partir de uma interação estabelecida entre as populações. No caso de Guarulhos, a localidade estava condenada à segregação territorial por ser um lugar considerado *infestado* de *gentios*. Estes eram empecilhos para o projeto colonizador, e posteriormente, para a expansão da cidade em direção ao norte. A não assimilação destas

<sup>2</sup>Elias e Scotson (2000) fazem menção as “fofocas depreciativas” como um artifício para manter uma delimitação entre os tomados como estabelecidos dos *outsiders*. A fofoca e o rumor, neste caso, surgem como dispositivos de depreciação dos *outsiders* e manutenção do carisma grupal entre os *estabelecidos*. Uma abordagem que pode ser tomada aqui como relevante para pensar a fofoca, nos termos em que ela está sendo tomada neste trabalho, é a sua capacidade de clarificar os limites do grupo que falam de membros de outros grupos (GLUCKMAN, 1963).

<sup>3</sup>Tomada aqui como uma “interrupção do fluxo do hábito” conforme William Thomas (1905). Nesta ocasião, Thomas analisa a “gênese dos estados de consciência no grupo social e sua influência modificadora sobre os hábitos do grupo”. Os diferentes indivíduos, a partir de determinados hábitos, irão agir em acordo com o grupo de origem. A interrupção deste hábito é classificada pelo autor, como uma situação de crise, o que demandaria um reordenamento das ações, o que poderia, inclusive, contribuir para a *cooperação, solidariedade e associação* do grupo – neste caso, o autor se refere a uma crise de natureza catastrófica, como fome, enchentes, pestes perdas em batalha, entre outras. Além destas possibilidades, o autor prevê ainda, a formulação de práticas *jurídicas e morais*, como forma de lidar com as crises relacionadas à roubos, prática mágica, invasão e toda e qualquer violação dos direitos.

<sup>4</sup>Simmel (2009 [1908], p. 601-620) situa o estrangeiro como um exemplo de “distância dentro do relacionamento”, no qual o próximo está longe, mas sendo estrangeiro, significa que o distante está perto. O estrangeiro é comparado ainda, a aquele que integra o grupo, mas é se assemelha aos “inimigos internos”.

populações aos *projetos* urbanísticos da cidade os tornou inimigos internos, e consequentemente, um motivo para desqualificação do território. Além dos indígenas, havia outros inimigos internos: os quilombolas.

### **Quilombolas em Guarulhos: perigos para a circulação.**

#### Quilombolas de Guarulhos

De um nosso assinante, morador naquela freguesia, pertencente a este município, recebemos a seguinte informação: “há aqui um grupo de quilombolas, que está pondo de novo em sobressalto esta freguesia. Esses malvados, armados de foices, facão e espingardas, não só constituem um perigo permanente para pessoas que transitam pelas estradas, as quais tacam para roubar, como assaltam as casas com mesmo fim. (Jornal *Monitor Campista*. Campos, 24 de janeiro de 1886 *apud* CORDEIRO, 2012, pp. 81-81.)

O quadro abaixo traz informações que nos ajudam a ter uma noção da proporção da população escrava de Guarulhos (Guarus) em relação às demais freguesias do município, algo que considero importante para pensar no modo como a localidade fora sistematicamente qualificada em relação às demais.

Freguesias	Livres			Ingênuos			Escravos			Total
	H	M	T	H	M	T	H	M	T	
São Salvador (Sede do Município)	6.179	5.532	12.711	996	1.184	2.180	3.555	3.396	6.949	21.840
São Sebastião	3.680	4.257	7.937	437	545	982	1.562	1.284	2.846	11.765
São Gonçalo (Goytacazes)	3.590	3.852	7.442	586	549	1.135	2.054	1.634	3.688	12.265
Guarulhos (Guarus)	3.740	3.455	7.195	1.076	876	1.952	3.907	3.320	7.227	16.874
Morro do Coco	2.550	2.585	5.135	294	177	471	888	728	1.616	7.222
Santa Rita	2.180	2.185	4.395	300	310	610	577	502	1.079	6.054
S. Benedicto	2.287	1.544	3.831	201	160	361	362	206	568	4.760
Dores	3.064	3.021	6.085	301	347	648	885	875	1.760	8.498
Natividade	2.238	1.960	4.198	350	399	749	829	762	1.591	6.538
Bom Jesus	1.689	1.336	3.025	384	286	670	624	365	989	4.684
Total	31.197	30.727	61.924	4.925	4.833	9.758	15.241	13.072	28.913	99.995

Quadro 1: População do Município de Campos dos Goytacazes por freguesia: projeção feita para 1881 (Almanak de Campos)

Comparado às demais localidades, a freguesia de Guarulhos possuía uma população escrava maior do que a população livre. Em todas as demais, a população livre, no caso, branca, é maior do que a população negra, e a população livre ultrapassa o dobro da população escrava.

Não há uma necessidade de remontar - não neste artigo - o modo como as relações raciais foram tecidas no Brasil. A questão que pode ser enquadrada analiticamente aqui é como a origem social dos moradores incidirá sobre o modo como a localidade será categorizada moralmente, neste caso, como um *lugar desqualificado*. Em um primeiro momento, populações indígenas e ao final do século XIX, quilombolas. As notícias veiculadas pelos jornais locais categorizavam um novo tipo social perigoso em Guarulhos. O seu lugar de fuga, obviamente, seria para o local mais próximo da cidade, e ao mesmo tempo, pouco acessível, que foi o caso de Travessão, uma localidade situada ao norte de Guarus.

Comparada às outras freguesias, Guarus teve maior presença negra. Na situação descrita pelo gráfico e pela notícia, era uma presença, sobretudo, relacionada ao trabalho manual. Quando digo isto, afirmo que os negros que chegaram a Campos dos Goytacazes no período da colonização não vieram para serem proprietários de terras. Eles constituíam uma mão de obra escrava. Neste caso, a população negra que estava em Guarulhos já possuía, por si só, um “símbolo de estigma”<sup>5</sup>

<sup>5</sup>Goffman (1988) delinea dois aspectos importantes que são considerados em uma relação de copresença, a saber: os *símbolos de prestígio* e os *símbolos de estigmas*. Ambos transmitem informações sociais sobre um indivíduo ou grupo. O primeiro aspecto, como o próprio nome já sinaliza, coloca o indivíduo em um patamar favorável, quanto ao segundo, este

por terem pertencido a um setor subalterno da produção e, no tocante a situação desumanizadora da escravidão em si, podemos inferir ainda que pertenciam a um status humano diferenciado em relação à população livre e branca, cuja herança social está vinculada a “símbolos de prestígio” pelo fato de não terem sido colocados em condição de escravos como os negros.

A notícia que relaciona os quilombolas ao perigo para o trânsito nas estradas tem como pano de fundo a ampliação da circulação no município de Campos. Em 1875, um ano antes do noticiário, fora inaugurada a Estrada de Ferro Carangola, que daria acesso, via transporte ferroviário, às localidades situadas ao norte do município, neste caso, a circulação estava sendo ampliada em direção ao norte. É importante ressaltar que a veiculação da notícia apontando para o perigo dos quilombolas está relacionada a ampliação da circulação em direção ao norte, e esses, colocariam esta em risco.

Como destacado até aqui, a localidade de Guarulhos (Guarus) fora equivalida ao perigo. Disto isto, pode-se inferir que as situações descritas pelo jornal, bem como a quantidade de negros presentes na localidade contribuíram para que esta fosse desqualificada moralmente em comparação com as demais localidades do município, uma vez que os seus habitantes não participavam dos círculos sociais presentes na sede do município.

### **Campos urbana: novas migrações e ampliação do município em direção ao Norte.**

Guarus, bem como às demais áreas próximas da sede do município de Campos dos Goytacazes, passou por um processo significativo de crescimento no final do século XIX, e início do XX<sup>6</sup>. Não me aterei aqui a um recorte temporal tão amplo, pois interessa uma reflexão sobre os novos “moradores de Guarus” que chegaram à localidade a partir dos anos de 1950/1960. Cruz (2003) destaca um efeito provocado por uma modernização do setor agroindustrial e agropecuário que acabaram por reforçar o padrão monocultor do setor sucroalcooleiro, que, inclusive, fora criticado no discurso proferido pelo presidente Getúlio Vargas em sua visita a Campos no ano de 1936<sup>7</sup>. Dentre os efeitos produzidos pela “modernização” apontada por Cruz, podemos citar: enfraquecimento das culturas de feijão, milho, mandioca para o fabrico de farinha e da criação de pequenos animais. Logo, as populações que viviam destes cultivos e criação de animais migraram para a área urbana da cidade de Campos dos Goytacazes, o que aumentou significativamente a população da área urbana, sobretudo, a do terceiro subdistrito de Guarus.

A partir de um trabalho de campo etnográfico, além da realização de entrevistas, pude compreender diferentes trajetórias no bairro. Uma delas, que será mencionada aqui, acaba corroborando a questão destacada no trabalho de Cruz (2003). Partirei da trajetória de vida de Seu Francisco e Dona Janaína<sup>8</sup>, esta última fora interlocutora da pesquisa. Ambos chegaram ao Parque Nova Campos na década de 1970, bairro vizinho a um dos primeiros bairros da área urbana do terceiro subdistrito, Custodópolis. Na década de 1940, Custodópolis já contava com “muitas casas comerciais, armazéns de secos e molhados, lojas de fazendas, padarias, várias granjas [...] uma escola pública [...], uma capela de culto a N. S. da Conceição, estando já concluído um templo de culto Batista” (Guia Geral da Cidade de Campos, 1947, p. 121). Nesse período houve um novo fluxo de moradores ocupando a região de Guarus, mas estes foram, sobretudo, antigos trabalhadores livres das fazendas e usinas próximas ao local, e filhos e netos de ex-escravos. O

---

produz o efeito inverso, uma vez que desqualifica aquele que possui uma discrepância identitária que não corresponde ao retrato global coerente (do ponto de vista do grupo que define o ideal de coerente).

<sup>6</sup>No final da década de 1880, a população urbana de Campos dos Goytacazes teve um crescimento expressivo. Em 1880, Campos possuía 26.951 habitantes na área urbana e 78.583, na área rural, enquanto em 1920, contava com 45.430, na área urbana e 128.672, na área rural (Lamego, 1945, p. 169). Este crescimento não foi expressivo em todo distrito de Guarus, mas possibilitou o surgimento de núcleos urbanos no distrito, dos quais podemos citar Custodópolis, que fora formado, inicialmente, por pequenos comerciantes, capatazes das fazendas existentes no local e um contingente significativo de escravos.

<sup>7</sup>“Campos precisa voltar ao seu esplendor de outrora, ao apogeu dos últimos tempos do Império. Para readquiri-lo, não deve cuidar apenas do aperfeiçoamento dos processos da lavoura açucareira. Precisa desenvolver também a policultura, de tal modo que o futuro da região não repouse num produto único, melhorando, ao mesmo tempo a exploração do solo, não somente quanto à técnica, mas ainda quanto à forma. O cooperativismo de produção, a parceria agrícola, a constituição da pequena propriedade média muito mais apta a realizar o equilíbrio social do que a grande propriedade, a industrialização crescente são outras tantas etapas do progresso a que estão fadadas as ricas margens do Baixo Paraíba, capazes de produzir tudo em excelentes condições, e dispondo do mais barato gênero de transporte, que é o fluvial-marítimo.” Apud Alves, 2013, p. 87.

<sup>8</sup>Os relatos foram feitos por Dona Janaína, pois, na ocasião do meu trabalho de campo, Seu Francisco já havia falecido.

bairro fora criado por um membro do Partido Comunista do Brasil e passou a integrar um projeto que ia de encontro à política sindical e trabalhista de Getúlio Vargas (GOMES, 2000).

Seu Francisco era um senhor de pele branca, olhos azuis, e morava com a sua família em Travessão de Campos<sup>9</sup>, um distrito contíguo ao subdistrito de Guarus. Na década de 1950, Seu Francisco, juntamente com o seu pai e irmão, compravam peixes, tapioca<sup>10</sup> e farinha de mandioca com a finalidade de comercializar os produtos na área urbana do município de Campos. Eles acessavam a área urbana à cavalo, pela Estrada do Nogueira, uma das poucas estradas que cortavam o terceiro subdistrito, seguiam na Estrada do Fundão para, finalmente, chegarem aos seus destinos: Fundão e Outeiro, a primeira localidade situada na área urbana da cidade, a segunda, na área rural. Ambas na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Nos anos sessenta, Seu Francisco e seu irmão mais novo migram para a cidade em busca de trabalho<sup>11</sup>. Cabe ressaltar que Seu Francisco, bem como o seu irmão, viviam de atividades comerciais, não trabalhavam na “roça”, mas sim como intermediários de produtos agrícolas.

Ele e seu irmão, ao se mudarem para a área urbana da cidade, passaram a trabalhar fazendo “biscates”. “Limpavam quintal de casa de gente rica” (segundo fala de Dona Janaína), entre outras atividades. O Irmão de seu Francisco foi trabalhar e morar em Niterói-RJ, onde se casou, e Seu Francisco, continuou na cidade, porém, trabalhando como vendedor ambulante nos arredores do Mercado Público, conhecido popularmente como Mercado Municipal. Ele morava de aluguel próximo à Praça da República, lugar que Seu Manoel, seu contemporâneo e amigo pessoal, denominou “um cortiço”, em entrevista concedida a mim. Este era um trabalhador da fábrica de tecidos A Campista (Companhia de Fiação e Tecelagem Campista) e fabricava sapatos. Em uma dada situação, resolveu deixar alguns pares com Seu Francisco para que este os vendesse. Daí ele começou a trabalhar como vendedor de calçados fabricados por Manoel Peçanha. Passou a assumir então a profissão de camelô.

Dona Janaína, sua esposa, morava no distrito de Morro do Coco com sua família e trabalhava em “casa de família” na cidade como empregada doméstica. O seu patrão possuía terras no distrito, mas sua residência era na cidade de Campos dos Goytacazes. Quando o patrão ia para Morro do Coco, a levava para casa, e, quando ele retornava, a levava para o trabalho, onde passava toda a semana trabalhando. Ela, neste período, possuía 12 anos de idade. Trabalhou como doméstica até o seu esposo se estabelecer na cidade como comerciante. Ela conheceu Seu Francisco no dia em que fora comprar uma sandália em sua banca. Ela afirma ter ficado encantada com os seus olhos. Apesar da resistência dos pais dela, que não queriam a filha casada com um “camelô”, eles iniciaram a relação.

Atendendo ao pedido de Manoel Peçanha, que acabara de comprar um terreno “barato no Parque Nova Campos”, bairro vizinho à Custodópolis, Seu Francisco fora ver um terreno que estava à venda no bairro, e finalmente, decidiu comprar. Quando seu Francisco comenta para o patrão de Dona Janaína que eles iriam morar próximo à Custodópolis (também conhecido como Cidade de Palha), em Guarus, ele disse: “você estão doidos, lá só tem índio<sup>12</sup>, morre gente todos os dias”. Dona Janaína, dando risada me disse: “pior que morria mesmo”. Mas isso parece não ter sido um problema para ambos, ou, ao menos, não fora um impeditivo para que seguissem o plano de mudança.

As trajetórias de Seu Francisco e Dona Janaína são mobilizadas para que possamos remontar um quadro analítico dos moradores que chegaram ao bairro a partir da década de 1960. Segundo os dados coletados através de documentos e relatos, estes eram filhos de trabalhadores rurais, que por uma oferta de emprego reduzida em suas localidades de origem, decidiram refazer os seus projetos na cidade. O conceito de “crise” de Thomas, mais uma vez se torna plausível para que possamos compreender as situações de rupturas e redefinição de trajetórias devido às “crises”

<sup>9</sup>Esta localidade, antes de ser nomeada por Travessão de Campos, era chamada de “Sertão do Nogueira”. Era assim denominado devido ao seu antigo proprietário interessado em retirar madeira na região entre os anos de 1864 e 1867 (MALHEIROS, 2008, p. 56).

<sup>10</sup>Produto feito a partir da mandioca/macaxeira/aipim.

<sup>11</sup>Por ter sido uma entrevista concebida por sua esposa, algumas questões ficam incompletas. Estas trajetórias destacadas aqui acabam complementando o trabalho realizado por Cruz.

<sup>12</sup>Quando ele se refere ao termo índio, usa como uma categoria moral de desqualificação dos moradores da região. Seria o mesmo que chamá-los de bárbaros.

vívidas, que, neste caso, estão relacionadas a uma reformulação do mercado de trabalho do local de origem que o torna insuficiente para atender às demandas internas.

A área urbana de Campos, após os anos 1950, foi destino de um novo tipo de estrangeiro. Este não está tão distante moralmente dos habitantes da sede, pois são, em sua maioria, colonos descendentes de portugueses. No caso de Dona Janaína, ela se denomina Cabocla. Ela é baixa, aproximadamente 1,50 metros, de pele dourada e com cabelos negros levemente encaracolados.

O momento em que o patrão de Dona Janaína a interpela, ele, assim como já fora destacado nas seções anteriores, categoriza o lugar como “lugar de índio”, que pode, inclusive, ser traduzido como “lugar de gentios” e “lugar de quilombolas”. A região fora categorizada, desde a sua constituição, como um lugar delimitado moralmente como não pertencente à cidade. Administrativamente há uma unidade, mas esta não se aplica quando se faz menção ao morador da cidade. Existe um delineamento moral entre o “morador da cidade” e o “morador de Guarus”, neste caso, migrantes da área rural do município, diferenciação esta que perdura até os dias atuais e que está presente nos imaginários sociais vigentes sobre esta região, sendo confrontada aos seus moradores quando em circulação pelas outras áreas da cidade.

A expansão do território de Campos em direção ao norte redefiniu moralmente a cidade, estabelecendo uma diferenciação entre os moradores de lá (margem esquerda do Rio Paraíba do Sul) e moradores do lado de cá (margem direita do Rio Paraíba do Sul). Os novos moradores da cidade ocuparam um território que possui uma história social delimitada pela segregação moral, pois não possuem uma reputação reconhecida pelas famílias tradicionais, cuja forma de reconhecimento social ocorre através da posse de um sobrenome que os vincule aos contextos de socição (Blanc e Assis, no prelo) da “sociedade campista” (CUNHA, 2007).

#### “Coisa de Guarus: Favelado cafona”

Carolina: Eu trabalhava no pré-vestibular daqui, da [IES<sup>13</sup>] né?, e era bolsista, e nenhum dos sessenta alunos que foram classificados... nenhum era de Custodópolis, mas tinham dois de Guarus, só dois de Guarus! Ihhh... uma vez rolou um comentário, é... de... falando de gente favelada, falando de gente cafona favelada, aí um comentando pro outro assim: ‘ihhh... isso ta parecendo coisa de Guarus’. Coloca-se como se o outro lado da ponte fosse uma coisa só! Lá é Guarus, aqui é o que, é Campos... do lado de cá é Campos, do lado de lá é Guarus? E coloca como se todo mundo fosse uma coisa só. (Entrevista realizada no dia 12/11/2014 na IES, em Campos dos Goytacazes)

O trecho que precede é parte de uma entrevista realizada no ano de 2014, quando Caroline, uma jovem de 30 anos cursava o 9º período de Serviço Social. Antes de entrar na universidade pública, ela iniciou três outros cursos, mas não deu continuidade. Em 2004, aos 20 anos, iniciou a Graduação em Fisioterapia na Estácio de Sá, mas não teve condições de “bancar”, devido a sua renda. Em 2005, iniciou o curso de Tecnólogo em Gestão de Indústria, Petróleo e Gás na mesma universidade. Cursou dois períodos e decidiu trancar o curso. Em 2009, iniciou o curso de Letras, mas foi orientada pelo namorado (atual marido) a tentar uma pública, e acabou realizando o pré-vestibular e passou para o Curso de Serviço Social.

No tocante a sua trajetória profissional, trabalhou no comércio desde os 15 anos. Iniciou em uma loja do bairro de artigos de R\$ 1,99 do tio, e aos 19 anos, assinou a carteira como comerciária, porém no “centro”, em uma revendedora de uma companhia telefônica. Em 2007, trabalhou como secretária de um curso preparatório, e durante o período da universidade (IES) montou uma loja de roupas em Custodópolis. Por motivos financeiros, fechou a loja, e em 2013, iniciou em um estágio remunerado na IES, onde trabalhou durante um ano, até ser convocada para o concurso público para inspetora de alunos na rede pública estadual do Rio de Janeiro, onde trabalha atualmente.

A trajetória de Caroline não é a mesma de seus pais, que migraram do interior da cidade para o bairro de Custodópolis no final dos anos 1950. Sua mãe, de acordo com as suas declarações, atuou como “do lar”, categoria nativa para descrever a atuação de “dona de casa”, que não exerce atividade remunerada e trabalha exclusivamente em afazeres domésticos. Seu pai trabalhou em empresa de ônibus como motorista, e aos 18 anos foi para o Rio de Janeiro para trabalhar na construção da Ponte Rio-Niterói. Retornando para Campos, entrou para a polícia militar. Os pais

<sup>13</sup> Trata-se de uma instituição pública, mas para garantir o anonimato da minha entrevistada, fiz alterações do nome da universidade.

de Caroline eram filhos de lavradores oriundos de Santa Maria de Campos (norte do município) e trabalhavam no corte da cana.

Caroline, diferente de seus pais e avós, teve acesso a uma universidade pública. Nessa instituição ela se deparou com as categorias morais atribuídas ao seu bairro. Refazer a trajetória familiar e ocupacional de Caroline é relevante para que possamos estabelecer uma relação entre a sua compreensão do bairro e a de seus novos pares, moradores que ela denomina “do lado de cá”<sup>14</sup>. Ela faz uma série críticas às avaliações dadas ao seu local de moradia, categorizado como um local dos “favelados” e “cafonas”. Neste caso, uma atribuição de qualidades de desqualificação.

Ao colocarem uma discussão em sala de aula sobre “tipos” sociais indesejados nos repertórios dos alunos do pré-vestibular da IES, Guarus é designado como o lugar onde esses “tipos” estão presentes, pois a ausência de um estilo válido na situação é tomada como “coisa de Guarus”. As categorizações proferidas questionavam o que lhe era familiar. O seu “outro generalizado” estava sendo alvo de desqualificação.

A experiência jocosa fez que com ela se colocasse como sendo parte de outro grupo, não daquele no qual o comentário havia sido proferido. Daí surge a ênfase que ela dá a expressão “do lado de lá”. Nos quadros primários (Goffman, 2012, p. 46) mobilizados pelos alunos do pré-vestibular, os moradores de Guarus seriam categorizados moralmente como portadores dos atributos que os desqualificam em relação aos moradores de “Campos”, neste caso, do “lado de cá”, segundo as referências classificatórias que ela mesma mobiliza em suas falas, durante seus relatos.

Os novos moradores de Campos, neste caso, Guarus, ao chegarem à cidade se ocuparam de profissões que exigiam pouca qualificação, vide trajetórias remontadas entre Dona Janaína, Seu Francisco e Seu Manuel, ainda apresentadas pela geração dos pais de Caroline. Na medida em que esses grupos foram sendo *assimilados* (Park e Burgess, 2014) à cidade, acessando recursos que até então, eram acessado predominantemente por moradores da margem direita, situações de copresença se constituíram em arenas de disputas simbólicas entre os “moradores de Guarus” e os “moradores de Campos”, conferindo destaque para as dicotomias criadas pelos conflitos morais estabelecidos entre sub-regiões morais dentro da mesma cidade

Caroline se não se sentiu devidamente enquadrada, pois não correspondia a tais categorias e o seu desconforto evidenciou uma tensão entre diferentes moralidades. Havia três alunos moradores de Guarus no pré-vestibular, e mesmo assim não houve constrangimento por parte dos que levantaram os comentários jocosos. Na situação em que ocorreu o evento, os moradores de Guarus, assim como ela, secretária do pré-vestibular, estavam em desvantagem na situação que lhes estava sendo imposta. As categorias foram proferidas por moradores da margem direita do Rio Paraíba do Sul. Estes, obviamente, não precisavam ponderar antes de proferir tal comentário, pois eram predominantes na situação. Este fato sinaliza para diferentes enquadramentos cognitivos dos quais a cidade é constituída, bem como para as hierarquias com que estes enquadramentos se situam, conferindo a dado grupo maior potencial de estabelecer regras e impô-las publicamente, assim como o demonstrado na situação relatada pela moça. Com relação aos rituais de interação em determinados espaços da cidade de Campos, Blanc e Assis (no prelo) destacam que:

A centralidade dos sobrenomes como referenciais ao posicionamento dos atores em rituais de interação simboliza o caráter de alta pessoalidade com que se constituem determinados contextos de sociação [...] O fato de se estar inserido em uma cadeia de reputação confere aos seus membros um posicionamento, torna-os próximos, dotando-os de uma estima por familiaridade.

Em Campos, não ter um sobrenome reconhecido é não pertencer aos círculos de sociabilidade da “sociedade campista”, mas este fato não desqualifica moralmente aquele que não possui tal atributo, pois este poderá ser simplesmente um estrangeiro, porém, morar em Guarus é estar em desvantagem na cena, sobretudo, quando esta se passa em um contexto de sociação na margem direita.

As categorias morais utilizadas para qualificar Guarus se autonomizaram de seus conteúdos, sendo mobilizadas em situações de desqualificação de lugares, indivíduos ou grupos de

<sup>14</sup>Quando ela utiliza “lado de cá”, se refere a margem direita do Rio Paraíba do Sul, pois a entrevista foi realizada na Uni, que está situada na referida margem.

modo generalizado. “Favelado” e “favelado cafona” tornam-se categorias que podem ser utilizadas para qualificar práticas. “Favelado” passa a deixar de ser simplesmente sinônimo de morar em uma “favela” para se tornar equivalente a atitudes. “Cafona” seria o comportamento, mas para que este possa ser categorizado como tal, necessita de uma interação entre o “cafona” e o “não cafona”, aqueles com o *estilo* validado pelos integrantes da cena. Os “cafona” moram do “outro lado do rio”, *nós* possuímos estilo. Neste caso há um delineamento moral que toma os moradores de Guarus por integrantes ilegítimos dos círculos sociais frequentados pelos envolvidos na situação descrita por Caroline.

Os comentários mobilizados pelos alunos fizeram com que houvesse um reconhecimento em parte das categorias utilizadas. Quando Caroline relata em tom de desconforto a situação vivenciada, faz uma crítica à tipificação do morador de Guarus: “Colocar todo mundo como se fosse uma coisa só”, é elaborar uma tipicidade que desqualifica a região, bem como, os moradores da mesma. Ela não se reconhece nas categorias mobilizadas, mas não nega a existência das mesmas buscando estabelecer diferenciações internas, sem necessariamente contrapor estas representações em termos mais gerais. Assim como os “do lado de cá” mobilizam categorias de desqualificação dos moradores “do lado de lá”, estes últimos também possuem os seus “favelados cafona”.

A crítica mobilizada por Caroline é decorrente de sua mobilidade em relação aos moradores que não acessaram os espaços o “outro lado”, neste caso, ela é uma emergente que está se deparando com a percepção dos jovens universitários acerca de seu lugar de moradia. Ela faz duas queixas: a falta de uma representação de moradores de Guarus; e o tratamento de Guarus como “uma coisa só”. Com relação à ausência de alunos de Guarus no vestibular, ela lamenta como fazendo parte de um todo, neste caso, se reconhece como parte de um lugar separado moralmente de “Campos”. Ela se define como moradora de Guarus ao lamentar a ausência de alunos de Guarus. No momento em que o morador de Guarus sinônimo de desqualificação, ela se distancia do todo. Ela compartilha os quadros de referências construídos em uma interação no distrito, o que faz com que ela mobilize diferentes recursos em defesa do *contexto* em que seu *self* fora construído. Em um momento ela pensa que deveria ter mais alunos no curso, e em uma situação de desqualificação, ela se coloca como alguém que não compartilha dos mesmos referenciais daqueles que estavam presentes na situação em que Guarus categorizado moralmente como desqualificado. A situação descrita por ela evidenciou uma cidade dividida em duas áreas morais: Campos e Guarus. A primeira, como símbolo de status e a segunda, como símbolo de estigma.

As novas categorias morais são constituídas na medida em que os diferentes grupos se encontram na cidade. No Caso de Campos, o contato postula categorias morais para ambos os lados do Rio Paraíba do Sul. Na margem direita estão os “de Campos”, cidadãos e com estilo, enquanto na margem esquerda, os “favelados cafona”.

### Considerações finais

A construção da categoria “morador de Guarus”, seja por meio de notícias, seja por meio de comentários jocosos, delinea moralmente as sub-regiões morais da cidade de Campos dos Goytacazes. O “campista” não reconhece o “morador de Guarus” como seu outro generalizado, e sim como o “estrangeiro”, aquele que está distante dentro de um relacionamento. Essa distancia é experimentada por meio de disputas, pois na medida em que um residente de um bairro do subdistrito de Guarus atravessa a ponte se depara com comentários jocosos que não fora vivenciado por ele habitualmente no bairro, e sim, do “outro lado”.

Pertencer ao “lado de cá” ou ao “lado de lá” é mais do que possuir um endereço postal, é ser categorizado como um possuidor em potencial de símbolos de estigma no caso dos moradores de Guarus, e símbolos de prestígio no caso dos não moradores de Guarus. Os atributos de estigma mencionados desde a fase inicial deste artigo estão vinculados ao modo como o território foi ocupado, a saber, em um primeiro momento, por povos indígenas, em um segundo, por quilombolas e, por fim, migrantes da zona rural do município.

A população que ocupou a área não integrava a sociabilidade da “sociedade campista”, eram apenas grupos segregados moralmente por não possuírem familiaridade com os povos que ocuparam a sede do município. Cabe aqui, inclusive, pensar nos processos de segregação vividos pelos moradores da região como um efeito direto da categorização a qual estes estão expostos em situações de copresença em espaços que estariam destinados aos moradores de “Campos”, ou pelo menos, daqueles que são tomados como tais.

A discussão travada até aqui me permite refletir sobre as expectativas do que viria a ser um morador de Guarus e o morador de Campos. Guarus historicamente foi categorizado como um local desqualificado, seja pelo perigo, seja pela desqualificação de seus moradores. O relato de Dona Janaína coloca em evidência o temor que se tinha da localidade, pelo menos, por parte do seu empregador, que considerou o local impróprio até mesmo para ela, uma simples empregada doméstica. Ele usa a categoria moral “índio” para expressar o que pensava da localidade.

Dona Janaína representa a primeira geração de imigrantes do campo que, praticamente, acompanharam boa parte do processo de urbanização da localidade. Quanto ela dizia que no lugar só tinha mato, demonstra um processo de urbanização que fora iniciado nos anos 1940. Portanto, hoje vive em um bairro que fora significativamente alterado se comparado ao período de sua chegada.

Caroline, que faz parte de terceira geração dos moradores que chegaram ao bairro nos anos 1950, alcançou mobilidade laboral e não exerce as mesmas atividades de seus pais e avós. No período d entrevista estava cursando Serviço Social em uma universidade pública e possuía um emprego público de nível médio, porém, a mobilidade econômica não fez com que ela deixasse de se perceber como desqualificada nos contextos que ela passou a acessar. Ela não possui sobrenome estimado e é moradora de Guarus, fato que a coloca como uma desqualificada em potencial, uma favelada em potencial, uma cafona em potencial.

O que fora apresentado, seja por meio de dados históricos, seja por meio de dados de entrevistas realizadas durante o trabalho etnográfico, me permite afirmar que 1) o território de Guarus enfrenta um longo processo de desqualificação moral desde a sua formação, fato que o torna um “símbolo de estigma” na cidade de Campos; 2) as relações de copresença na cidade de Campos são dotadas de dilemas morais quando nestas se encontram moradores de Guarus e moradores de Campos; 3) as categorias morais de desqualificação e qualificação podem ser pensadas como modos de operar o delineamento moral entre os diferentes grupos distribuídos em diferentes regiões morais da cidade.

## Bibliografia

ALVES, Heloisa de Cássia Manhães. *A elite local e a modernização urbana em Campos dos Goytacazes: um projeto político 1930-50*. Tese de doutorado em Sociologia Política. Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro, 2013.

BLANC, Manuela. *Os famosos todos nós: uma proposta de análise da experiência cidadina no pequeno urbano, (no prelo)*.

BLANC, Manuela. *Aonde ninguém é Zé Ninguém: a experiência cidadina na pequena cidade, a notoriedade compartilhada e suas as repercussões sobre um modo de vida "urbano"*. Comunicação apresentada no 37º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu. Outubro de 2013.

BLANC, Manuela; ASSIS, Renan Lubanco (no prelo) “*De qual família você é?*” Cidades de médio e pequeno porte e rituais de interação. In: MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio; NOEL, Gabriel Davi; FREIRE, Jussara; BERMUDEZ, Natalia (Orgs.) *Moralidades em cidades da periferia*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Garamond.

CORDEIRO, Hέλvio. *Quilombo: terra de esperança*. Campos dos Goytacazes – RJ: Fundação Jornalista Oswaldo Lima, 2012.

CRUZ, José Luis Vianna. *Projetos nacionais, elites locais e regionalismo: desenvolvimento e*

*dinâmica territorial no Norte Fluminense entre 1970 e 2000*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2003.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FEYDIT, Júlio. *Subsídios para a história de Campos dos Goytacazes*. Rio de Janeiro: Ed. Esquilo, 1979.

GLUCKMAN, Max. *Gossip and Scandal*. The University of Chicago Press. Vol. 4, No. 3, pp. 307-316, Jun., 1963.

GOFFMAN, Erving. *Symbols of class status*. *The British Journal of Sociology*, 2: 294-304, 1951.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora, 1988 [1963].

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 [1963].

GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012 [1974]. .

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Delso (2000). *História do Partido Comunista em Campos* (memória de um Partido Revolucionário). Campos, Jornal Dois Estados Gráfica e Editora.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o Brejo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1945.

MALHEIROS, Márcia. "*Homens da Fronteira*": índios e capuchinhos na ocupação dos sertões do Leste, do Paraíba ou Goytacazes. (História, Tese de Doutorado). Niterói: UFF, 2008.

MEAD, George Herbert. *Mind, Self and Society: from the Standpoint of a Social Behaviorist*. Chicago: The University of Chicago Press, 1974[1934].

PARK, Robert Ezra. *A notícia como forma de conhecimento*. In: Steinberg- Meios de comunicação de massa. São Paulo, Cultrix. pp. 168-185, 1976.

PARK, Robert Ezra; BURGESS, Ernest. *Competição, Conflito, Acomodação e Assimilação*. (Tradução: Mauro Koury) In: Robert E. Park e Ernest W. Burgess *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1921. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 38, agosto 2014.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012 [1967].

THOMAS, William Isac. *The Province of Social Psychology*, *American Journal of Sociology*, 10, 1905.

